

APRENDENDO A VIVER COMO JESUS

APRENDENDO A VIVER COMO JESUS

Um novo olhar sobre o fruto do Espírito

CHRISTOPHER J. H. WRIGHT

Traduzido por Susana Klassen



Copyright © 2016 por Christopher J. H. Wright
Publicado originalmente por Langham Preaching
Resources, Carlisle, Reino Unido.
Direitos negociados por Piquant Agency.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da
Nova Versão Transformadora (NVT), da Editora Mundo
Cristão (usado com permissão da Tyndale House
Publishers, Inc.), salvo as seguintes indicações: *Nova
Versão Internacional* (NVI), da Bíblia Inc., *Almeida
Revista e Corrigida* (RC) e *Almeida Revista e Atualizada*,
2ª ed. (RA), ambas da Sociedade Bíblica do Brasil.
Eventuais destaques nos textos bíblicos e citações em
geral referem-se a grifos do autor.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei
9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou
parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos,
mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia
autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W933a

Wright, Christopher J. H.

Aprendendo a viver como Jesus : um novo olhar sobre o
fruto do espírito / Christopher J. H. Wright ; tradução Susana
Klassen. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2019.

192 p.

Tradução de: Becoming like Jesus : cultivating the fruit of
the Spirit

ISBN 978-85-433-0392-5

1. Bíblia - Estudo e ensino. 2. Bíblia N.T. Epístolas de
Paulo - Teologia. 3. Frutos do Espírito Santo. I. Klassen,
Susana. II. Título.

19-56177

CDD: 242.5

CDU: 27-23

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: julho de 2019

Edição
Daniel Faria

Preparação
Natália Custódio

Produção
Felipe Marques

Colaboração
Ana Paz

Diagramação
Luciana Di Iorio

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	11
1. Amor	23
2. Alegria	41
3. Paz	63
4. Paciência	79
5. Amabilidade	95
6. Bondade	113
7. Fidelidade	131
8. Mansidão	147
9. Domínio próprio	167
<i>Conclusão</i>	179

Prefácio

Durante muitos anos, o Ministério da Saúde da Inglaterra veiculou uma campanha de conscientização pública sobre a importância de incluir em uma dieta saudável frutas e legumes em grande quantidade. A recomendação era para que todos ingerissem pelo menos cinco porções de frutas ou legumes nas refeições diárias. A campanha ficou conhecida como “Cinco por Dia”. As pessoas perguntavam umas às outras: “Comeu suas cinco porções?”.

Em 2013, a organização Langham Partnership UK and Ireland, sob a liderança de Ian Buchanan, nosso diretor executivo à época, fez uma campanha para incentivar as pessoas a se tornarem mais semelhantes a Cristo. Na visão da Langham, cristãos e igrejas ao redor do mundo deviam aprofundar-se em maturidade espiritual, e não apenas crescer em números por meio de evangelismo. E isso significa tornar-se mais semelhante a Jesus. cremos que o amadurecimento acontece quando nos alimentamos da palavra de Deus, especialmente quando ela é pregada com fidelidade e clareza, a fim de exercer impacto relevante na vida e no contexto das pessoas. Portanto, um dos principais objetivos da Langham é elevar os padrões da pregação bíblica.

Decidiu-se que o conteúdo central da campanha consistiria em uma série de estudos bíblicos e de vídeos sobre o fruto do Espírito em Gálatas 5.22-23. Essa escolha se deveu, em parte, ao fato de sabermos que John Stott — fundador da organização

Langham Partnership, falecido em 2011 — costumava orar todas as manhãs para que Deus, o Espírito Santo, fizesse o fruto do Espírito amadurecer em sua vida. Diante disso, uma vez que Paulo relaciona nove itens em sua descrição do fruto do Espírito, Jonathan Lamb (então diretor de programação da Langham Preaching) teve a ideia de chamar nossa campanha de *Nove por Dia: Assemelhando-se a Jesus*. Devemos ter o mesmo cuidado diário em cultivar as nove qualidades que constituem o fruto do Espírito que temos em ingerir cinco porções de frutas ou legumes.

Como preparativo para a campanha, propus-me pregar uma série de exposições bíblicas a respeito do fruto do Espírito na Portstewart Kenswick Convention, na Irlanda do Norte (minha terra natal), em julho de 2012. Dessas exposições nasceram as apresentações breves e condensadas que fiz em vídeo para a campanha *Nove por Dia* (disponíveis em: <<https://uk.langham.org/get-involved/videos/9-day-campaign-videos/>>), e foram essas exposições que forneceram o material básico para os capítulos deste livro. O que você lerá nas páginas a seguir, portanto, foi apresentado como pregação, e não procurei alterar nem ocultar esse estilo de comunicação ao transferi-lo para a forma escrita.

O fato de o material ter nascido de pregações nos leva a observar mais duas coisas.

Primeiro, este é o tipo de livro que você precisa ler com a Bíblia por perto. Em todos os capítulos, investigo um pouco das profundezas e da extensão do contexto bíblico para cada uma das palavras que o apóstolo Paulo menciona no fruto do Espírito. Exploraremos vários textos bíblicos ao longo do caminho, na expectativa de que esse processo traga enriquecimento e ânimo.

Segundo, espero que este livro seja proveitoso para outros pregadores (bem como para leitores cristãos em geral) e, com esse desejo em mente, não apresentei muitas ilustrações nem relatos. Talvez pareça estranho, uma vez que sermões precisam de ilustrações apropriadas para ajudar a enfatizar seus pontos centrais e torná-los memoráveis. E, sem dúvida, não faltariam exemplos e histórias para ilustrar cada um dos aspectos do fruto do Espírito. Um elemento fundamental da boa pregação, contudo, é que deve não apenas ser fiel ao texto bíblico, mas também relevante para o contexto local do pregador e dos ouvintes. Assim, pareceu-me melhor não apresentar muitos exemplos extraídos de meu contexto no Reino Unido. Antes, extraio diversos exemplos de relatos e personagens da Bíblia (especialmente de seu personagem principal, o próprio Deus, conforme ele se revela tanto no Antigo Testamento como na pessoa de Jesus Cristo). Cabe, então, ao pregador que deseje usar este livro como recurso para sua pregação pensar em exemplos extraídos de seu contexto cultural e ilustrar e aplicar o desafio bíblico do fruto do Espírito de modo a envolver o coração, a mente e a vida de seu público e exercer impacto sobre ele. As perguntas no fim de cada capítulo têm por objetivo servir de incentivo para isso, e também fornecer um ponto de partida para discussões em estudos bíblicos em grupo a respeito de cada tema.

CHRIS WRIGHT

Diretor de Ministérios Internacionais

Langham Partnership

Junho de 2015

Introdução

Pai celeste, peço que neste dia eu viva em tua presença e te agrade cada vez mais.

Senhor Jesus, peço que neste dia eu tome tua cruz e te siga.

Espírito Santo, peço que neste dia me enchas de ti e faças teu fruto amadurecer em minha vida: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

Essa era a oração que John Stott fazia todas as manhãs, assim que acordava. Não causa surpresa, portanto, muitos que conviviam com Stott dizerem que ele era a pessoa mais semelhante a Cristo que conheciam. Deus respondeu a sua oração diária ao fazer que o fruto do Espírito amadurecesse em sua vida. E o que o Espírito de Deus faz, acima de tudo, é tornar aqueles que depositam sua fé em Jesus cada vez mais semelhantes a esse Jesus que amam e seguem e em quem confiam. Aliás, podemos dizer que o fruto do Espírito, com seus nove aspectos descritos em Gálatas 5.22-23, é um belo retrato de Jesus. Afinal, evidentemente Jesus era cheio do Espírito de Deus, e é Cristo que habita em nós por meio do Espírito. Logo, quanto mais estamos cheios do Espírito de Deus, e quanto mais o Espírito amadurece seu fruto em nós, mais semelhantes a Cristo nos tornamos.

Essa também era a oração do apóstolo Paulo. Não sabemos se, como John Stott, ele a expressava todos os dias para si mesmo, mas certamente era o que ansiava ver acontecer em outros

que ele havia conduzido à fé em Cristo. Paulo sentia-se como mãe para os crentes gálatas, por causa dos quais, ele diz, era “como se estivesse passando outra vez pelas dores de parto [...] *até que Cristo [fosse] plenamente desenvolvido*” neles (Gl 4.19). Paulo ansiava que os cristãos fossem preenchidos de tal modo com o Espírito Santo que o próprio Cristo moldasse a vida deles de dentro para fora. E é exatamente isso que o apóstolo quer dizer quando fala do fruto do Espírito no capítulo 5.

Mas, uma vez que os versículos famosos a respeito do Espírito aparecem em Gálatas 5, precisamos voltar um pouco e ver parte do contexto e dos antecedentes daquilo que Paulo diz aqui. Então, teremos condições de perceber que esse belo retrato do fruto faz um contraste gritante com duas coisas muito menos atraentes e que devem ser inteiramente rejeitadas pelos seguidores de Jesus. Falaremos delas daqui a pouco. Primeiro, porém, certifique-se de que você tenha uma Bíblia à mão para investigarmos juntos alguns textos.

Paulo havia sido enviado pela igreja de Antioquia para pregar as boas-novas a respeito de Jesus entre os gentios (os não judeus) na província da Ásia Menor (atual Turquia). Lemos o relato em Atos 13—14. Pessoas de várias cidades da região da Galácia haviam atendido à pregação do apóstolo. Tinham passado a crer em Jesus de Nazaré como Senhor e Salvador, aquele que Deus prometera nas Escrituras do Antigo Testamento (que Paulo teve de explicar para eles, uma vez que não eram judeus e não sabiam coisa alguma a respeito do “Antigo Testamento”). Paulo lhes ensinou claramente acerca do Deus de Israel e da promessa magnífica que esse Deus havia feito a Abraão. O Senhor prometera a Abraão que, por meio dele e de seus descendentes, “todas as famílias da terra” seriam

abençoadas (Gn 12.1-3). Sabemos que Paulo havia ensinado seus recém-convertidos a respeito dessas promessas, pois se refere a elas de modo bastante claro na carta que conhecemos como Epístola aos Gálatas. Ele havia garantido aos cristãos gálatas que, ao depositarem sua fé no Messias, tinham, de fato, se tornado parte do povo de Deus. Também eram filhos de Abraão, não ao se tornarem judeus (cultural ou etnicamente ou por meio de conversão prosélita), mas ao se tornarem filhos de Deus, adotados em sua família pela graça divina e pela fé em Jesus, o Messias. Embora fossem gentios, agora faziam parte do povo da aliança de Deus. Estavam entre os descendentes espirituais de Abraão. Em outras palavras, Paulo lhes diz que, se estão em Cristo, estão em Abraão, e as promessas de Deus lhes pertencem. Eis a explicação que ele apresenta:

Logo, os verdadeiros filhos de Abraão são aqueles que creem. As Escrituras previram esse tempo em que Deus declararia os gentios justos por meio da fé. Ele anunciou essas boas-novas a Abraão há muito tempo, quando disse: “Todas as nações da terra serão abençoadas por seu intermédio”. Portanto, todos os que creem participam da mesma bênção que Abraão recebeu por crer. [...] Pois todos vocês são filhos de Deus por meio da fé em Cristo Jesus.¹ Todos que foram unidos com Cristo no batismo se revestiram de Cristo. Não há mais judeu nem gentio, escravo nem

¹ Quando Paulo inverte a ordem habitual “Jesus Cristo” e escreve “Cristo Jesus”, deseja enfatizar que “Cristo” não é um simples sobrenome. É a tradução grega do termo hebraico “messias”, isto é, o ungido. Portanto, em algumas ocasiões é proveitoso traduzir “Cristo Jesus” por “Messias Jesus” para destacar a tônica daquilo que Paulo quer dizer ao associar Jesus às magníficas promessas do Antigo Testamento. Jesus é aquele que, como Messias, personifica e representa Israel como seu Rei, Senhor e Salvador. Logo, quando pertencemos ao Messias (ou seja, quando estamos “em Cristo”), pertencemos ao povo de Deus.

livre, homem nem mulher, pois todos vocês são um em Cristo Jesus. E agora que pertencem a Cristo, são verdadeiros filhos de Abraão, herdeiros dele segundo a promessa de Deus.

Gálatas 3.7-9,26-29.

Foi essa a verdade que Paulo lhes ensinou, e é dela que os lembra nessa carta.

No entanto, algo havia acontecido.

Desde que Paulo havia conduzido os gálatas à fé em Jesus e plantado uma igreja no meio deles, outros tinham aparecido com uma mensagem diferente. Esses outros eram judeus, como Paulo. É provável que fossem, ainda, crentes em Jesus, como os antigos fariseus (também como Paulo) sobre os quais lemos em Atos 15.5. Ao contrário de Paulo, contudo, não consideravam suficiente os gentios crerem em Jesus. Diziam que, se os gentios desejavam as bênçãos das promessas feitas por Deus a Abraão, deviam ingressar no povo de Abraão tornando-se prosélitos. Os prosélitos eram gentios que se convertiam à fé judaica ao serem circuncidados e observarem a lei de Moisés, que abrangia sobretudo prescrições a respeito do sábado e do consumo de alimentos ritualmente puros conforme o costume judaico. Portanto, esses outros mestres procuravam persuadir os cristãos gálatas de que, além da fé em Jesus, também precisavam tornar-se, com efeito, judeus circuncidados que guardavam a Torá.

Paulo reage de forma enérgica. Nos quatro primeiros capítulos de sua carta, assevera que precisam somente de Cristo. Nossa salvação é pela fé na promessa de Deus, como foi no caso de Abraão. A lei dada por Moisés desempenhou uma função correta e apropriada para o povo de Israel no Antigo Testamento na era antes de Cristo. Agora, porém, que

o Messias veio, o caminho se abriu para que *qualquer* nação experimente a bênção de Abraão pela fé no Messias Jesus. Portanto, todos que creem em Cristo — judeus ou gentios — estão isentos da obrigação de viver sob a autoridade disciplinar da lei do Antigo Testamento. Antes, devem viver em liberdade, para Deus, com a presença de Cristo neles e “andando” pelo Espírito.

Mas esse tipo de vida não resultaria em licenciosidade moral? Isto é, se não fossem refreados pela lei de Moisés, esses gentios recém-convertidos não acabariam fazendo o que bem entendessem e voltando a sua antiga imoralidade pagã? Paulo diz que não. Trata-se de uma polarização falsa entre dois extremos. Esses são os dois perigos que mencionamos acima e aos quais agora podemos nos referir pelo nome: os extremos do legalismo e da licenciosidade.

É importante entender que a lei do Antigo Testamento em si certamente não era legalista. Pelo contrário, era fundamentada na graça divina salvífica, concedida aos israelitas depois que Deus os havia resgatado do Egito. Podia, contudo, ser facilmente *distorcida* e tornar-se uma mentalidade legalista. Quem insistia que os cristãos também deviam observar a Torá estava dizendo que, na verdade, o importante era guardar todas as regras e prescrições da lei (especialmente a circuncisão, as leis alimentares e a observância do sábado) como espécie de prova de sua identidade étnica e pactual. A observância da lei era uma insígnia para o indivíduo mostrar que fazia parte do povo justo de Deus e que era um verdadeiro judeu em todos os sentidos (como Paulo havia afirmado sobre si mesmo em Fp 3.4-6).

No entanto, a resposta a essa insistência *distorcida* na observância da lei não consiste em cair no extremo oposto e imaginar que, se não estamos “debaixo da lei”, podemos fazer o

que bem entendermos e satisfazer a todos os nossos desejos. O legalismo em um extremo (obedecer a todas as regras) e a licenciosidade em outro (rejeitar todas as regras) são respostas completamente erradas para a pergunta “Como os cristãos devem viver?”.

É surpreendente que esses dois extremos e perigos ainda estejam presentes na igreja de hoje. Por um lado, há cristãos e igrejas extremamente legalistas. Enfatizam a importância de obedecer a todas as regras, insistem que é preciso fazer isto e nunca fazer aquilo a fim de provar que se é verdadeiramente cristão, gostam que tudo seja rígido e claro e, em geral, não têm compaixão por aqueles que não conseguem ou não desejam conformar-se às regras. A atitude deles parece ser: “Se você não consegue seguir nossas regras, não é um de nós”. Em contrapartida, e como reação frequente a esse tipo de legalismo, há quem rejeite a ideia de regras e tradições na igreja. Na visão dessas pessoas, o objetivo maior da fé cristã é nos libertar do fardo religioso institucionalizado. “Deus nos ama como somos!”, dizem. Com isso, não deixam espaço para conceitos como disciplina e obediência. Essa abordagem pode levar à tentação da imoralidade, e no fim das contas quem a adota pode se tornar indistinguível do mundo ao redor em sua forma de viver e pensar.

Como um pêndulo, portanto, parece que oscilamos entre os que impõem as leis e os que rejeitam as regras. No entanto, essa é uma falsa polaridade inteiramente equivocada. E Paulo trata dela em Gálatas 5. Ele mostra um caminho muito melhor, a forma verdadeiramente cristã de viver, que é o caminho que o Espírito Santo de Deus nos deu por meio de Cristo.

Aqui, será de grande ajuda ter sua Bíblia aberta em Gálatas 5 para acompanhar as linhas gerais da argumentação de Paulo.

Primeiro, Paulo concorda que, de fato, o evangelho de Cristo nos libertou. Diante disso, ele exorta os gálatas a não viverem como os que desejam impor sobre eles a lei do Antigo Testamento de modo a basear sua justiça na lei por meio de uma identidade judaica adquirida. “Portanto, permaneçam firmes nessa liberdade, pois Cristo verdadeiramente nos libertou. Não se submetam novamente à escravidão da lei” (5.1).

Uma vez que haviam crido no Messias Jesus, não importava se eram circuncidados ou não; o que importava era que sua fé era real, comprovada pelo amor deles. “Pois, em Cristo Jesus, não há benefício algum em ser ou não circuncidado. O que importa é a fé que se expressa pelo amor” (5.6).

Logo em seguida, porém, Paulo afirma que ser livre não significa liberdade para atender aos desejos da natureza humana. Nos textos de Paulo, essa expressão, comumente traduzida pelo termo “carne”, não se refere apenas ao corpo humano físico; é uma forma resumida de falar de nossa natureza pecaminosa e decaída (que abrange nosso corpo, evidentemente, mas também nossos pensamentos, emoções, volição, desejos, sentimentos etc.). “Porque vocês, irmãos, foram chamados para viver em liberdade. Não a usem, porém, para satisfazer sua *natureza humana*. Ao contrário, usem-na para servir uns aos outros em amor” (5.13).

Você notou a referência dupla ao *amor* no final do versículo 6 e do versículo 13 (e outra que aparece adiante no versículo 14)? O amor é a resposta para o legalismo e para a licenciosidade.

- Para os que impõem a lei, Paulo diz: “O que importa é a fé que se expressa *pelo amor*”. O amor nos permite cumprir devidamente a lei de Deus sem legalismo.

- Para os que rejeitam as regras, Paulo diz que devem “servir uns aos outros *em amor*”. O amor nos permite usar devidamente nossa liberdade sem egoísmo.

Deixe-me explicar melhor esses dois pontos. Por um lado, amar uns aos outros é a atitude correta de obediência e fé diante da lei de Deus, como pretendido por Deus e destacado por Jesus. Paulo repete as palavras de Jesus em 5.14 ao citar Levítico 19.18: “Pois toda a lei pode ser resumida neste único mandamento: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’” (5.14; ver tb. Rm 13.9-10). Esse é o versículo que Jesus chamou de segundo grande mandamento da lei (o primeiro é amar a Deus de todo coração, toda alma e toda a força; Dt 6.5).

Por outro lado, o amor nos impede de usar a liberdade para atender a nossos desejos egoístas. A liberdade cristã, embora nos liberte de um tipo de escravidão (a sujeição à lei), na realidade nos coloca debaixo de um tipo bem diferente de “escravidão” por amor a Cristo: a sujeição mútua ao servirmos “uns aos outros em amor”.

Não é de admirar que Paulo coloque o amor no alto da lista de aspectos do fruto do Espírito alguns versículos adiante. Ele é *duplamente* importante!

Então, pouco antes de passar ao ápice de sua argumentação, Paulo faz uma advertência para *ambos* os grupos (v. 15). Pode acontecer de os que impõem as leis e os que rejeitam as regras tratarem uns aos outros de modo terrível por meio de atitudes e palavras faladas e escritas. Podem parecer cães que brigam e se despedaçam, e esse tipo de conflito entre cristãos pode acabar destruindo inteiramente uma igreja. Paulo os adverte: “Mas se vocês estão sempre mordendo e

devorando uns aos outros, tenham cuidado, pois correm o risco de se destruírem” (5.15).

Por fim, o apóstolo chega à ideia central. Se não devemos ser governados nem pela lei nem pela carne, *o que* deve governar nosso modo de viver? Resposta: o Espírito. Paulo apresenta esse fato no começo, no meio e no fim da seção seguinte, nos versículos 16, 18 e 25. “Deixem que o Espírito guie sua vida”, “guiados pelo Espírito”, “vivemos pelo Espírito”, “sigamos a direção do Espírito”. Eis o cerne da vida cristã. É o centro e o segredo do que significa estar “em Cristo”.

E, assim como Paulo falou do *poder do amor* de nos capacitar para viver em uma relação correta com a lei do Antigo Testamento e vencer o egoísmo e a carne, também explica que, se permitirmos que o *poder do Espírito de Deus* governe nosso modo de viver, evitaremos os extremos do legalismo e da licenciosidade. É o que ele explica nos versículos 16-18:

Por isso digo: deixem que o Espírito guie sua vida. Assim, não satisfarão os anseios de sua natureza humana. A natureza humana deseja fazer exatamente o oposto do que o Espírito quer, e o Espírito nos impele na direção contrária àquela desejada pela natureza humana. Essas duas forças se confrontam o tempo todo, de modo que vocês não têm liberdade de pôr em prática o que intentam fazer.² Quando, porém, são guiados pelo Espírito, não estão debaixo da lei.

² A tradução da NVT (“vocês não têm liberdade de pôr em prática o que intentam fazer”) é preferível à tradução mais antiga e mais comum (“para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer”, RA). A argumentação de Paulo aqui não é a mesma de Romanos 7.19, versículo no qual ele lamenta que, mesmo quando sabe o que deve fazer e deseja fazê-lo (em obediência à lei de Deus), descobre que não o faz. Aqui em Gálatas, o argumento é de que o Espírito nos guardará de satisfazer os desejos da carne, isto é, nos impedirá de fazer tudo o que desejamos, conforme nossa volição decaída e egoísta.

Portanto, quando dizemos “sim” para Jesus Cristo e “sim” para o Espírito Santo, dizemos “não” para a carne (não fazemos tudo o que queremos) e dizemos “não” para aqueles que desejam nos submeter ao fardo da lei como forma de provar nossa justiça.

A essa altura, nosso desejo é avançar e descobrir o que significa andar, viver e ser guiado pelo Espírito; antes, porém, Paulo quer certificar-se de que entendemos o oposto. A que tipo de vida os “desejos da natureza humana” conduzem? Paulo apresenta uma lista sombria nos versículos 19-21:

Quando seguem os desejos da natureza humana, os resultados são extremamente claros: imoralidade sexual, impureza, sensualidade, idolatria, feitiçaria, hostilidade, discórdias, ciúmes, acessos de raiva, ambições egoístas, dissensões, divisões, inveja, bebedeiras, festanças desregradas e outros pecados semelhantes. Repito o que disse antes: quem pratica essas coisas não herdará o reino de Deus.

É uma lista tenebrosa, mas reveladora. Menciona questões individuais e questões sociais e culturais. Vai do âmbito público ao privado, de atos exteriores a emoções interiores. E é um reflexo exato daquilo que vemos ao nosso redor em maior ou menor grau. Este é o mundo em que vivemos. E é o mundo do qual somos chamados a ser diferentes. Mas como?

Agora, finalmente, em um contraste ofuscante com essa lista, Paulo descreve a vida no Espírito. Eis a passagem que será nosso texto ao longo do restante deste livro:

Mas o Espírito produz este fruto: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Não há lei contra essas coisas!

Gálatas 5.22-23.